

REABILITAÇÃO NA ESCOLA PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES AUTISTAS: REVISÃO DA LITERATURA

Edizângela de Fátima Cruz de Souza ¹
Thiago Fernandes ²

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento que apresenta déficits persistentes na comunicação e interação social, assim como comportamentos repetitivos e restritivos. Além desses sintomas, outras características podem ser vistas em muitas pessoas autistas, como comprometimento intelectual e/ou de linguagem (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION [APA], 2013).

As causas desse transtorno ainda são desconhecidas, mas os estudos mostram a importância da genética e de fatores ambientais para o desenvolvimento dessa condição clínica (GRIESI-OLIVEIRA; SERTIÉ, 2017). Nesse sentido, há alguns fatores de risco na manifestação do TEA, separando entre os ambientais e os genéticos e fisiológicos. No que tange aos riscos ambientais, cita-se a idade parental avançada, baixo peso ao nascer e exposição fetal ao ácido valproico. Em relação aos genéticos e fisiológicos, o manual relata que há estimativas que associam o TEA à herdabilidade, mas também a mutações genéticas e a um risco poligênico (APA, 2013).

Os sintomas podem ser percebidos antes do segundo ano de vida da criança e sua gravidade depende do nível de suporte que o indivíduo apresenta. Essa classificação leva em consideração a necessidade de suporte e de autonomia que a criança apresenta, variando de um a três (RIOS, 2017). Ao observar essas características evidentes, o diagnóstico precoce e o tratamento imediato podem facilitar o desenvolvimento da pessoa autista, contribuir na adaptação, nas habilidades sociais e cognitivas, na comunicação, na interação social e nos seus padrões de comportamentos (STEFFEN *et al.*, 2019).

Esse diagnóstico pode ser feito por uma equipe multiprofissional a partir de entrevistas, observação clínica e aplicação de instrumentos específicos, baseando-se nos critérios diagnósticos mencionados anteriormente (FERREIRA, 2015). Em muitos casos, o indivíduo

¹ Edizângela de Fátima Cruz de Souza do Curso de Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, edizangela.cruz@outlook.com;

² Professor orientador: Doutor em Neurociência Cognitiva e Comportamento, Universidade Federal da Paraíba - UFPB, thiagompfernandes@gmail.com.

acaba sendo diagnosticado incorreta ou tardiamente, o que pode dificultar o início das terapias e, por conseguinte, o desenvolvimento dos autistas (VIANA *et al.*, 2020).

Diante de tudo isso, a escola pode parecer desafiadora em alguns momentos para crianças e adolescentes autistas. A literatura mostra a importância da escola além do aprendizado de conteúdos, mas um espaço de trocas e contatos sociais, o que pode favorecer o desenvolvimento infantil em diferentes dimensões (LEMOS *et al.*, 2014).

No entanto, apesar de toda essa importância, os alunos com autismo ainda apresentam dificuldades na inserção e na devida inclusão escolar. Por exemplo, Lima e Laplane (2016) mostraram que a taxa de evasão escolar é alta, muitas crianças e adolescentes não estão matriculados nas séries correspondentes a sua idade e não são todos que chegam ao ensino médio. Além disso, muitos desses alunos não são atendidos pelo atendimento especial disponibilizado pelas escolas.

Muitas pessoas com TEA têm comorbidades associadas, como comportamento desafiador, problemas de saúde mental ou problemas de saúde associados, que são focos das estratégias de reabilitação. Levando em consideração que o diagnóstico ocorre em período escolar, na maioria das vezes, as estratégias de reabilitação também devem levar em consideração diferentes tipos de intervenções no ambiente escolar. Ao observar o impacto significativo do transtorno na vida do indivíduo, é possível que alguns ambientes, principalmente a sala de aula, pareçam desafiadores ou conflituosos para indivíduos com esse transtorno (GOMES, 2020). Devido a isso, entende-se que intervenções educacionais precisam engajar crianças e adolescentes com TEA, criando um ambiente inclusivo e impulsionador.

Essa temática se faz relevante na sociedade e na educação por olhar para pessoas com deficiência a partir da efetiva inclusão escolar. Essa inclusão não deve ser vista como obrigação, mas deve ser abordada como garantia dos direitos fundamentais dessas pessoas e da diversidade (BENITEZ; DOMENICONI, 2015). Ainda, não cabe apenas à escola fazer isso, mas a família, a comunidade e o próprio aluno são também agentes da inclusão escolar, para que seja realmente eficaz.

Nesse sentido, esse estudo teve como objetivo realizar um levantamento da literatura sobre a reabilitação na escola para crianças e adolescentes autistas, visando a melhoria na qualidade de vida dos indivíduos com autismo, bem como a elaboração e aplicação de estratégias que propiciem uma inclusão escolar mais adequada e eficiente.

METODOLOGIA

Inicialmente, foi realizada uma extensiva busca nas bases de dados Pubmed, Web of Science, PsycINFO e LILACS, sem restrição de data. A busca ocorreu até Fevereiro de 2022, encontrando 4180 estudos. Os termos utilizados foram "transtorno do espectro autista", "tea", "autismo" E "intervenções escolares", "reabilitação" E "escola", junto com sua tradução em língua estrangeira. Deste total de 4180, foram selecionados 28 estudos de acordo com os critérios de elegibilidade e evidência científica. As palavras-chave foram escolhidas mesmo na ausência do termo específico (MESH) objetivando priorizar a sensibilidade sobre a especificidade do tema.

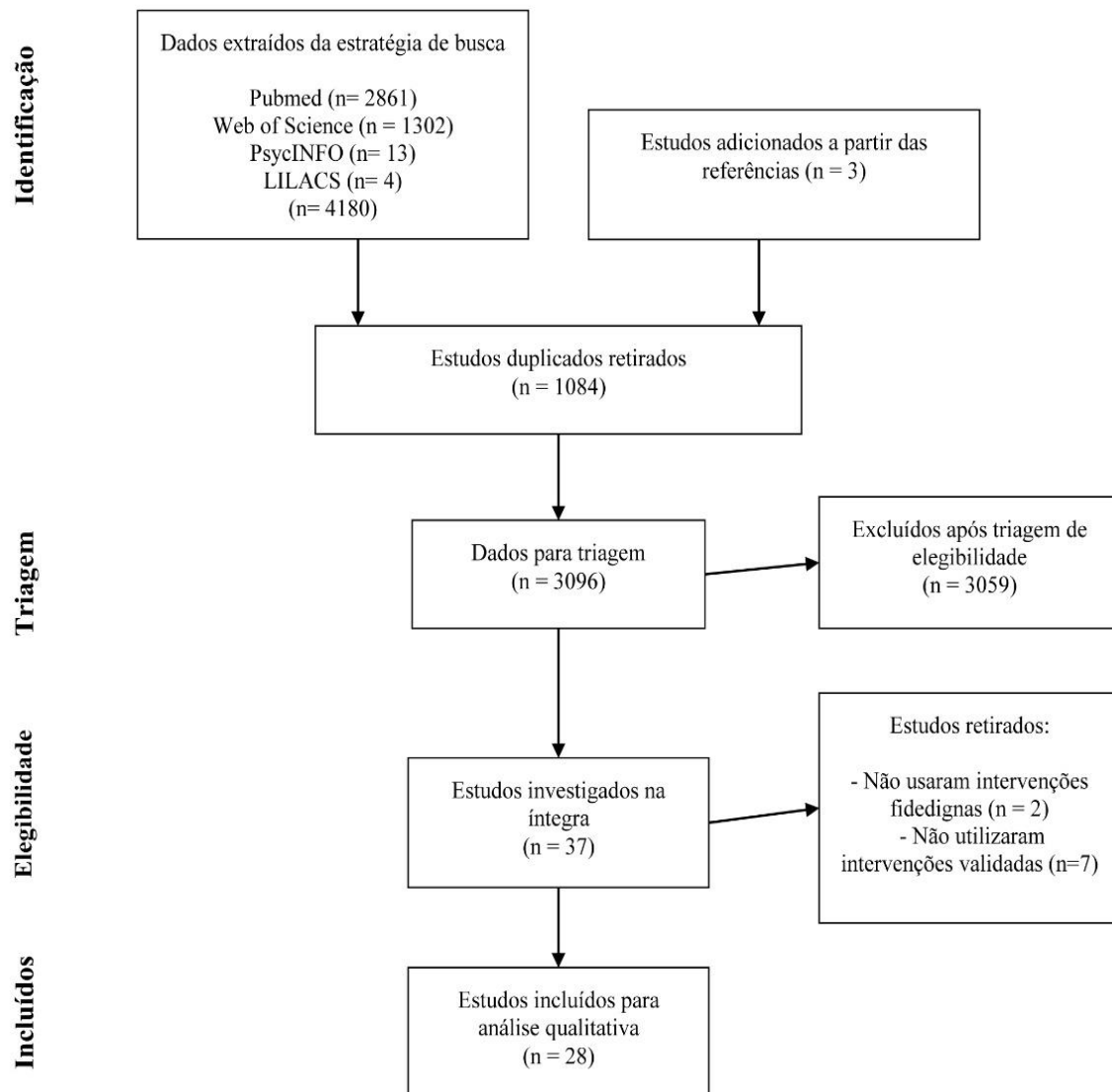
Os critérios de elegibilidade foram: (1) o estudo incluiu uma amostra usando intervenções educacionais e controles (2) o objetivo principal foi a intervenção educacional no TEA; (3) estudos experimentais como livros e teses disponíveis na íntegra; e, (4) estudo em Inglês, Espanhol, Francês ou Português. Estudos em outras línguas, cartas e editoriais, estudos de avaliação de condições diferentes do TEA foram excluídos.

Após examinados, os estudos tiveram as seguintes variáveis retiradas: (1) desenho do estudo, (2) instrumentos utilizados, (3) principais achados sobre percepção visual, e (4) achados sobre outros domínios. Caso existisse informação insuficiente nos estudos, como análise estatística ou resultados dos procedimentos, o respectivo autor seria contatado.

Os artigos foram avaliados a partir da validade interna (viés de seleção, viés de desempenho, viés de medição de atrito e relatórios) e construto de validade (adequação dos critérios operacionais utilizados).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a triagem de citações por título e resumo, nós consideramos 28 estudos que foram lidos na íntegra. A Figura 1 demonstra o fluxograma de pesquisa desta revisão.



Com os descritores utilizados, foram encontrados 4180 estudos (Pubmed: 2861; Web of Science: 1302; PsycINFO: 13; LILACS: 4). Ademais, foram adicionados estudos a partir das referências (3). Posteriormente, foram excluídos 1084 trabalhos duplicados (que estavam em diferentes bases de dados). Ao aplicar os critérios de elegibilidade estabelecidos a partir da leitura de títulos, resumos e palavras-chave, restaram 37 estudos para serem lidos na íntegra. Assim, foram excluídos 3059 pelos seguintes motivos: não usaram reabilitação na forma de intervenções fidedignas e não utilizaram reabilitação na forma de intervenções validadas. Após a leitura dos textos que ficaram na íntegra, 28 estudos foram incluídos para serem analisados qualitativamente.

Esta análise baseia-se numa síntese de 1976 pacientes com TEA (entre 3 e 9 anos) e 1342 controles. Em sua maioria, os estudos fizeram intervenções multidisciplinares; Os

resultados indicaram que pessoas com TEA podem apresentar menor desempenho escolar, porém a intervenção aparece como elemento fundamental na aquisição de novos comportamentos e melhora no desempenho escolar. Quanto maior a duração para diagnóstico do TEA, quanto o tempo para categorização, maior são os impactos no desempenho escolar. Assim, as intervenções precisam ser feitas com celeridade e visando acompanhamento ao longo do tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da heterogeneidade dos dados, observamos que existe eficácia da intervenção educacional em crianças com TEA, e que estas intervenções podem servir de forma duradoura. Ou seja, a reabilitação escolar para crianças e adolescentes autistas podem ser fundamentais para auxiliar na inclusão na escola, diminuindo os desafios e conflitos que eles podem enfrentar nesse período. No entanto, é preciso que os professores e profissionais da escola recebam a qualificação necessária para que possam aplicar essas intervenções de forma adequada e possam ajudar na inclusão escolar.

Sugere-se a realização de intervenções validadas e focadas especificamente nos aspectos a serem estudados (por exemplo, linguagem) para evitar heterogeneidade de parâmetros de observação. Estudos com metodologias mais rigorosas que avaliem aspectos subjetivos e de qualidade de vida também são importante, provendo assim resultados menos diferentes entre si. Os potenciais benefícios das intervenções tangem o conhecimento da temática e a importância do manejo interdisciplinar.

Palavras-chave: Autismo, Reabilitação, Educação, Revisão.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION DIVISION OF RESEARCH. Highlights of changes from dsm-iv to dsm-5: Somatic symptom and related disorders. **Focus**, v. 11, n. 4, p. 525-527, 2013.

BENITEZ, Priscila; DOMENICONI, Camila. Inclusão escolar: o papel dos agentes educacionais brasileiros. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 35, p. 1007-1023, 2015.

FERREIRA, Fernanda Gomes da Cruz. **A negociação do diagnóstico de autismo**. 2015.



GOMES, Aline da Silva. Autismo na educação infantil: desafios e possibilidades encontrados na sala de aula. 2020.

GRIESI-OLIVEIRA, Karina; SERTIÉ, Andréa Laurato. Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético. **Einstein (São Paulo)**, v. 15, p. 233-238, 2017.

LEMOS, Emellyne Lima de Medeiros Dias; SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro; AGRIPINO-RAMOS, Cibele Shírley. Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre interações sociais no contexto escolar. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 20, p. 117-130, 2014.

LIMA, Stéfanie Melo; LAPLANE, Adriana Lia Friszman de. Escolarização de alunos com autismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 22, p. 269-284, 2016.

RIOS, Clarice. “Nada sobre nós, sem nós”? O corpo na construção do autista como sujeito social e político. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, p. 212-230, 2017.

STEFFEN, Bruna Freitas et al. Diagnóstico precoce de autismo: uma revisão literária. **Revista saúde multidisciplinar**, v. 6, n. 2, 2019.

VIANA, Ana Clara Vieira et al. Autismo. **Saúde Dinâmica**, v. 2, n. 3, p. 1-18, 2020.